

MODELAGEM ESTRUTURAL DO MORRO TAMBORIL, UNAÍ-MG.

Ribeiro, T.G.R.¹; Soares, L.P.¹

¹Universidade de Brasília – Instituto de Geociências

RESUMO: Vários autores propuseram zoneamento estrutural para a Faixa de Dobramentos Brasília (FDB), onde a região de Unaí situa-se no contexto de antepaís externo onde principalmente sequências sedimentares dos grupos Bambuí (rochas pelíticas e carbonáticas) e Paranoá (rochas psamo-pelito carbonatadas) encontram-se deformados por sistemas de falhas de empurrão de descolamento interestratal, formando dobras normais e flexurais isoclinais com vergência para a direção do Cráton São Francisco (leste). O Morro Tamboril, situado a aproximadamente 10 km de Unaí, encontra-se em unidade predominantemente carbonática (Grupo Paranoá ou Bambuí) sendo composto por rochas que encontram-se deformadas, predominantemente dolomitos cinza claros, laminados a maciços, podendo conter laminações cruzadas raramente preservadas. Além dessas estruturas, foram também observadas brechas intraformacionais, e brechas tectônicas associadas a zonas de falhas. Como estruturas bioprecipitadas foram descritas esteiras algais, estromatólitos colunares e dômicos. Com o foco no entendimento estrutural, esse trabalho tem como proposta a construção de modelos estruturais através de estereogramas e rosetas de fraturas no *software Stereonet*, mapas geo-estruturais e de lineamentos construídos a partir de modelos de elevação digital de terreno (MDT), modelagem das estruturas maiores com utilização do *software Move* e posicionamento dos grandes campos de tensão utilizando o *software Win Tensor*. O Morro Tamboril é caracterizado por duas grandes dobras principais na escala de centenas de metros. Essas dobras, uma sinforme e outra antiforme são classificadas como sendo dobras não planas e não cilíndricas com eixo mergulhando para SE. Associadas a esses dobramentos observam-se também dobras parasíticas isoclinais vergindo para E-NE. Vale ressaltar que próximo a zona de falhas as camadas verticalizam, sugerindo deformação transpressional. Já na zona de charneira da dobra antiforme, observou-se intenso fraturamento e silicificação. Essas fraturas são longas de grande abertura, possivelmente flexurais, associadas a zona de alto *strain*. O conjunto de fraturas é caracterizado tanto por falhas quanto por juntas. Na face NE do morro, foi definida como inferida uma zona de falha de transpressiva, como sendo a superfície de descolamento responsável pelo dobramento das unidades descritas. Essa zona de falha foi inferida pela presença de brecha com clastos angulosos, verticalização das camadas dolomíticas e dobramento *chevron* com intenso fraturamento nas camadas terrígenas. Há ainda um padrão em “X” bem marcado por essas fraturas, as vezes com componente de rejeito direcional, visualizado no mapa estrutural e roseta de fraturas. É possível que esse conjunto seja relacionado à pares de fraturas cisalhantes, onde se verdadeira essa afirmação, o σ_1 resultante é aproximadamente na direção SW-NE, coincidindo com o modelo construído no *Win Tensor*. Outra importante família de fratura observada é a de direção N50°E. Essas fraturas de alto ângulo de mergulho são descritas como juntas de tensão paralelas a direção de σ_1 e abertura paralela a direção σ_3 . Foram também observadas falhas normais com rejeito de poucos centímetros, possivelmente associadas a uma fase tardia a compressão principal. Com isso, ficou evidente que o Morro Tamboril encontra-se no contexto de rochas deformadas sobre regime de deformação transpressional.

PALAVRAS-CHAVE: ESTRUTURAL; TRANSPRESSÃO; CARBONATOS.